COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Antologia de férias VII - algumas cantigas de amor

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Antologia de férias VII - algumas cantigas de amor", *Colóquio/Letras*, n.º 166/167, Jan. 2004, p. 395-401.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

64

ANTOLOGIA DE FÉRIAS

VII – Algumas Cantigas de Amor

ERA minha intenção terminar hoje este panorama antológico de férias com uma rápida recapitulação da poesia de Dante — como síntese do espírito medieval. Mas as sugestões e os pedidos que entretanto me têm chegado fizeram-me concluir que são outros, no fim de contas, os desejos dominantes dos telespectadores: por cada um que mostra interesse em voltar a ouvir falar de Dante, há pelo menos cinco ou seis que se manifestam, maciçamente, pelo retorno a outro assunto — a poesia trovadoresca galaico-portuguesa —, com particular incidência em determinadas cantigas de amor e cantigas de amigo. Qual será a conclusão a extrair deste fenómeno? Que somos realmente um país de líricos e que nos encontramos sobretudo presos às raízes do nosso lirismo? Ou que, pelo contrário, a poesia de Dante, tratada mais recentemente, estará por enquanto mais «fresca» na memória da maioria, a ponto de ser dispensável uma recapitulação a seu respeito...? Ou tratar-se-á simplesmente de uma coincidência, de um capricho, de uma solução de facilidade...?

Seja como for, como estamos ainda em clima de férias — e como, em clima de férias, aceitamos melhor todas estas coisas —, pareceu-me aconselhável, pelo menos por esta vez, ceder logo... e sem discussão... Assim, renuncio ao propósito de voltar a falar de Dante e reservo, para a poesia galego-portuguesa, as duas últimas emissões deste mês: a de hoje, consagrá-la-emos, por conseguinte, a uma recapitulação das cantigas de amor; a da próxima semana, a uma revisão das cantigas de amigo... Inútil acrescentar que já não faremos, desta vez, nenhuns comentários de natureza teórica: textos, textos, quase que apenas textos! E inútil acrescentar, por outro lado, que todos esses textos os iremos apresentar nas excelentes versões modernas de Natália Correia. Quanto à antologia de hoje — de cantigas de amor — daremos ainda, a abrir e a fechar, dois textos «em primeira mão», isto é: dois textos que até agora ainda não tínhamos apresentado...

Eis o primeiro. É da autoria de Rui Fernandes, clérigo galego — ao que se supõe — do período pré-afonsino:

Sempre que eu vejo as ondas
e as altivas falésias,
logo me vêm ondas
ao peito pela bela.
Maldito seja o mar
que me faz tanto mal!

Nunca vejo eu as ondas
nem as altivas rochas
que me não venham ondas
ao peito pela formosa.
Maldito seja o mar
que me faz tanto mal!

Sempre que eu vejo as ondas
e as altas ribanceiras,
logo me vêm ondas
ao peito pela perfeita.
Maldito seja o mar
que me faz tanto mal!

Espero que tenham apreciado este engenhoso e delicado contraponto entre as ondas do mar e as ondas do coração... E agora, depois do mar, a terra. Agora — em *reprise* — uma cantiga de amor de outro pré-afonsino — o infante Dom Gil Sanches —, cantiga que figura justamente no número das que têm sido mais solicitadas:

Tu, que ora vens de Montemor,
tu, que ora vens de Montemor,
dá-me notícias do meu amor,
dá-me notícias do meu amor;
que se as não tiver
viverei penado
e ela em pecado
por me não valer,
a mim, malfadado,
tão enamorado,
sem dela saber.

Tu, que ora viste os olhos seus,
tu, que ora viste os olhos seus,
dá-me notícias dela, por Deus,
dá-me notícias dela, por Deus;

que se as não tiver
viverei penado
e ela em pecado
por me não valer,
a mim, malfadado,
tão enamorado,
sem dela saber.

Chegados a este ponto, e já que estamos em matéria de toponímia, desçamos dos campos do Mondego — pois é de Montemor-o-Velho que se trata, na cantiga de Dom Gil Sanches que acabámos de apresentar — para o Alto Alentejo, mais propriamente para Elvas, a fim de ouvirmos (de reouvirmos) a voz de um enigmático poeta, judeu segundo parece, e que apenas é conhecido pelo nome de Vidal:

Faz-me por ela morrer
e traz-me desesperado
alguém que dá gosto ver
e de corpo bem talhado,
por quem a morte hei-de ter
como cervo lanceado
que se vai do mundo a perder
da companhia das cervas.
Antes ficasse sandeu
ou me embruxassem com ervas,
no dia em que me apareceu
a tal formosinha de Elvas.

Mais a morte me convém
pois da sensatez me queixo
de quem desejo não tem
de matar o meu desejo
e me parece tão bem
que cada vez que a vejo
me lembra a rosa que vem
saindo por entre as relvas.
Antes ficasse sandeu
ou me embruxassem com ervas,
no dia em que me apareceu
a tal formosinha de Elvas.

A que período pertencerá este poeta, este misterioso Vidal, dentro dos quatro períodos — pré-afonsino, afonsino, dionisíaco e pós-dionisíaco — em que é costume dividir, sob o aspecto cronológico, a poesia galego-portuguesa? Ao certo, não o sabemos. Em contrapartida, sabemos, sem sombra de dúvida, ou *quase* sem sombra de dúvida, que se integra no período afonsino — o mais importante de todos, como por várias vezes lembrámos — um dos maiores trovadores (se não o maior) do nosso lirismo medieval: João Garcia de Guilhade. O que de mais seguro se conhece a seu respeito é o que transparece dos seus versos; mas há praticamente a certeza de que viveu na corte de Afonso III — e que era português. E, como tal, é porventura o primeiro caso de confessado «donjuanismo» que se nos depara na poesia portuguesa:

Tinham todas belíssima aparência
as donas que hoje eu vi, donas prendadas
devotadas ao bem, ajuizadas
mas de uma moça vos faço a confidência:
em beleza venceu quantas achou
essa moça que agora aqui chegou.

Julgava eu que não teria par
a formosura das donas que ali estavam;
tão belas a meus olhos se mostravam;
mas apenas a moça vi chegar:
em beleza venceu quantas achou
essa moça que agora aqui chegou.

Da mocinha a linda aparição
deixou as outras donas apagadas.
Formosas são mas quando comparadas
com a moça, vencidas se acharão:
em beleza venceu quantas achou
essa moça que agora aqui chegou.

Outro aspecto profundamente original de João Garcia de Guilhade consiste em ele se *recusar* a «morrer de amor» numa época — e numa corrente literária — em que a maior parte dos poetas não «sabia» fazer senão isso... João Garcia de Guilhade, pelo contrário, preferia *viver* — e *esperar*:

Quantos o amor faz padecer
penas que tenho padecido,
querem morrer e não duvido
que alegremente queiram morrer.
Porém enquanto vos puder ver,

vivendo assim eu quero estar,
e esperar, e esperar.

Sei que a sofrer estou condenado
e por vós cegam os olhos meus.
Não me acudis; nem vós, nem Deus.
Mas, se sabendo-me abandonado,
ver-vos, senhora, me for dado,
vivendo assim eu quero estar,
e esperar, e esperar.

Esses que vêem tristemente
desamparada sua paixão,
querendo morrer, loucos estão.
Minha fortuna não é diferente;
porém eu digo constantemente:
vivendo assim eu quero estar,
e esperar, e esperar.

«Porém enquanto vos puder ver, / vivendo assim eu quero estar, / e esperar, e esperar»: estes três últimos versos da primeira estrofe da cantiga de Guilhade dizem-nos muito sobre a importância que tem, em amor, o «ver», o «poder ver»... Este mesmo tema aparece-nos em inúmeras cantigas medievais. Não me foi possível fazer uma estatística desse género, mas estou persuadido de que um dos verbos mais frequentes na lírica galego-portuguesa é justamente o verbo «ver»; e é ele que serve também de motivo central a esta encantadora cantiga de Dom Dinis:

Senhora que bem pareceis,
se de mim vos recordasse
Deus que vos fez e mandasse
que do mal que me fazeis
me fizésseis correcção,
quem dera, senhora, então
que vos visse e agradasse.

Ó formosura sem falha
que nunca um homem viu tanto
pra meu mal e meu quebranto!
senhora, que Deus vos valha!
por quanto tenho penado
seja eu recompensado
vendo-vos só um instante.

Da vossa grande beleza
da qual eu esperei um dia
grande bem e alegria,
só me vem mal e tristeza.
Sendo-me a mágoa sobeja,
deixai que ao menos vos veja
no ano, o espaço de um dia.

Com esta cantiga de Dom Dinis — e como o nome de Dinis está mesmo a dizer... — apresentámos, evidentemente, um espécime (e o mais adequado...) da poesia do período dionisíaco... Quanto à poesia do período pós-dionisíaco, nada melhor do que irmos buscar um exemplo conveniente a um dos filhos do próprio Dom Dinis — o infante Dom Afonso Sanches, bastardo do monarca... Trata-se aliás, do segundo texto «inédito» («inédito» neste programa) que hoje aqui apresentamos; e do texto com que iremos encerrar a nossa emissão de hoje. Por significativa coincidência, também o seu motivo central é o motivo de «ver»; mas, aqui, a obsessão de «ver» — de «ver» a amada —, como se vê dificultada nesta vida, aparece inspiradamente transposta... para além da vida, para o outro mundo. Contemporâneo de Dante (embora mais novo), Dom Afonso Sanches — que nasceu em 1289 e morreu em 1329 — também marca afinal, com a sua ignota apaixonada, com a sua incógnita Beatriz, uma entrevista transcendente na outra vida; mas, ao contrário de Dante (que ele decerto, aliás, ignoraria), Dom Afonso Sanches encara a hipótese de a encontrar, não no Paraíso, mas no Inferno — o que muito mais humaniza o seu próprio caso. Simplesmente, esse possível inferno... tornar-se-á então um paraíso. E não só o paraíso para ele: também para todas as demais pessoas que aí possam contemplá-la. Por outro lado, nesta cantiga de amor — que a seguir vamos apresentar —, Dom Afonso Sanches mostra-se ainda um parente próximo daquele Dom Pedro que aguardará — «até a fim do mundo» — o reencontro com a sua amada Inês. E, na verdade, D. Pedro I — o exemplar amante de Inês de Castro — vem a ser sobrinho, em primeiro grau, de Dom Afonso Sanches; e tê-lo-á porventura ainda conhecido, pois tinha já nove anos quando morre o tio... Mas ouçamos, enfim, a cantiga de amor de Dom Afonso Sanches:

Estes que me afastam hoje do meu amor
e que nem sequer nos deixam falar
por mais que lhes pese não hão-de evitar
que eu a veja um dia sem nenhum pavor;
porque morrerei e tempo virá
em que ela, formosa, também morrerá
e a amada verei já sem dissabor.

Tenho eu a certeza, por Nosso Senhor,
que se por lá vir seu belo parecer
não mais qualquer pena me fará sofrer
mesmo no Inferno, se com ela for;
e quantos jazerem por lá a penar
não mais sofrerão só de contemplar
da sua beleza o raro esplendor.